



PIBIC-EM ABRINDO PORTAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: O CASO DA UNICAMP

Palavras-Chave: INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ENSINO MÉDIO, UNICAMP

Autoras:

JENNIFER VIEIRA DE ARRUDA, IFCH – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. ANA ELISA SPAOLONZI QUEIROZ DE ASSIS (orientadora), FE - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em meados do século XX o Brasil iniciou um estreitamento de relações entre a política de ciência e tecnologia e política educacional, possuindo como principal mediador a universidade, o que proporcionou o aperfeiçoamento do ensino das ciências nas escolas públicas e a popularização do conhecimento científico na educação básica (Silveira, 2015). Fruto de uma aproximação das instituições universitárias com a educação de base, surgiu a distribuição de bolsas de Iniciação Científica Júnior e, posteriormente, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para Ensino Médio (PIBIC-EM), presentes na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2008, recebendo estudantes das escolas Públicas de Campinas, Limeira e Piracicaba (Silva; Assis, 2017).

Pesquisadores da temática (Arantes; Peres, 2015; Oliveira; Bianchetti, 2019; Silva; Assis, 2017) defendem que o PIBIC-EM é capaz de abrir portas para a Educação Superior e que o programa também impulsiona os estudantes para o ramo de pesquisa acadêmica, além de indiretamente proporcionar a diminuição das desigualdades entre os concluintes do Ensino Médio. Supondo que isso dependa do aproveitamento desses momentos de aprendizados enquanto discentes, esta Iniciação Científica objetivou compreender, a partir da ótica do próprio discente, de que maneira a participação no PIBIC-EM influenciou a vida acadêmica de seus ex-bolsistas na Unicamp.

METODOLOGIA:

A pesquisa seguiu uma abordagem exploratória, tornando as experiências individuais mais familiares e explícitas. A investigação foi conduzida por meio da comparação entre a bibliografia consultada pela autora e entrevistas com ex-bolsistas do programa de IC/EM na Unicamp, atualmente graduandos e pós-graduandos na instituição, buscando exemplos que ilustrassem hipóteses dos autores supracitados.

Para absorver os saberes reais de cada indivíduo, valorizando as subjetividades de cada caso, a principal ferramenta utilizada para recolher essas trajetórias individuais foi a entrevista semiestruturada, a fim de recolher as interpretações que os discentes possuem das suas próprias experiências com 17 perguntas previamente ordenadas, que foram elaboradas a partir da experiência anterior da autora com ex-bolsistas do PIBIC-EM. Essas perguntas foram adaptadas e ordenadas a depender da especificidade e necessidade de cada entrevistado, de acordo com as orientações de Ludke e André (1986) e Gil (2002).

Após apresentação e aprovação perante ao Comitê de Ética para a realização das entrevistas, foi conversado com escritório de Programas de Iniciação Científica da Unicamp e com o Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) sobre o encaminhamento de um convite por e-mail para recrutar voluntários para as entrevistas. Foram obtidas 34 respostas, porém, apenas 18 entrevistas foram realizadas mediante agendamento na plataforma online do Google Meet e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao fim da coleta, as informações foram organizadas por pergunta, analisadas e interpretadas, visando também examinar a hipótese de que o PIBIC-EM abre portas para o Ensino Superior e que o programa também impulsiona os estudantes para o ramo de pesquisa acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para qualquer uma das seguintes análises é fundamental se ter em mente que os 18 entrevistados representam uma pequena amostragem do número total de estudantes que realizaram o PIBIC-EM na Unicamp e posteriormente retornaram como estudantes, número que segundo o banco de dados do escritório de Programas de Iniciação Científica da Unicamp gira em torno de 530 discentes entre 2014 e 2023, que concluíram ou não o curso na universidade. Informa-se também que os entrevistados estudaram em escolas públicas de Campinas, no Cotuca e no Cotil.

Muitos dos estudantes que participaram do PIBIC-EM, em especial os das escolas públicas de Campinas, foram escolhidos em particular, sem haver uma divulgação ampla à comunidade escolar, dificultando o acesso democrático ao programa e/ou a divulgação de atividades acadêmicas e científicas da universidade para com as escolas públicas do entorno; como também foi analisado por Arantes e Peres (2015) e por Oliveira e Bianchetti (2019). Essa interpretação é reforçada pelo relato de que o nome da Unicamp chama a atenção e colabora com o aceite, mesmo que, a princípio, boa parte indique não compreender de fato o que faz a universidade ou o que o programa propõe. Outro forte ponto que leva ao aceite do estudante para acessar o programa é o apoio e a influência familiar, sendo, em alguns casos, o núcleo responsável por informar ao discente sobre a existência do PIBIC-EM.

Dentro do programa do PIBIC-EM, os projetos, conforme o relato e interpretação dos entrevistados, se mostraram bem diversificados, indo de atividades que envolviam práticas

laboratoriais, análise bibliográfica (alguns assim adaptados pelo contexto pandêmico), simulações práticas, análises sociais e desenvolvimento tecnológico, sendo qualquer uma das atividades o primeiro contato com algo semelhante, demonstrando um enorme sucesso no quesito aproximação com a vivência universitária, algo apontado pelos próprios ex-bolsistas. Dessa forma, a maioria relatou a utilização dos conhecimentos e práticas desenvolvidas no PIBIC-EM em momentos acadêmicos posteriores, em especial se tratando da metodologia científica, uso de normas e referências, leitura acadêmica e redação de artigos, facilitando o desempenho no ensino técnico, graduação e outras IC's.

Portanto, a adaptação de saberes e acompanhamento de atividades, felizmente se mostrou presente, além de que, os projetos aparentemente eram inovadores em suas áreas, levando-se a acreditar que a participação dos jovens nesses projetos contribuíram tanto com o crescimento pessoal e profissional do estudante, quanto com o desenvolvimento do país nas mais variadas formas de conhecimento, assim observado por Oliveira e Bianchetti (2019). Foi notado que a maioria dos estudantes criou relações durante o período de participação do projeto com colegas, orientadores e/ou monitores; contudo aqueles que as mantiveram inclusive após o fim do projeto, seja no âmbito pessoal, acadêmico ou profissional, são menores.

Foi procurado inclusive, durante as entrevistas, acessar experiências marcantes emocional ou simbolicamente para esses, na época adolescentes, compreendendo como o programa os marcou no seu âmbito pessoal. A maioria deles foi positiva, onde os estudantes reforçam o sentimento de pertencimento e acolhimento, a sensação de imersão no ambiente universitário e o despertar de vocações e motivações; sensações essas que ao serem somadas com a identificação com o tema do projeto influenciaram diretamente na escolha de curso e/ou de temática de pesquisa, ligação não explorada nas bibliografias analisadas, somente citadas individualmente.

Dessa forma, pode-se dizer que para a maioria dos estudantes o PIBIC-EM foi determinante para acessar a Educação Superior, direcionando e possibilitando trajetórias que seriam invisíveis ou inviáveis para alguns jovens, em especial quando atua como porta de entrada simbólica e prática a realidade universitária, ou seja, para além do conteúdo do projeto, ocupar fisicamente o espaço universitário tem o poder de mudar como os jovens se posicionam sobre o futuro. Claro, outros fatores podem ter mais destaque em algumas experiências, como influência familiar, pressão entre os pares e continuidade escolar formal, pressupondo que alunos das escolas técnicas da Unicamp façam Unicamp, por exemplo. Em contrapartida, para os estudantes oriundos das escolas públicas, a participação no Profis aparece como algo muito recorrente entre os entrevistados, sendo um movimento quase que natural, tornando o Profis como um espaço de permanência e aprofundamento da relação com a Unicamp, consolidando uma trilha de acesso universitário para estudantes de escolas públicas.

A dificuldade inicial de adaptação foi bem evidenciada, o que talvez sugira uma atenção mais sensível nos primeiros meses dos projetos para garantir o sucesso e bom aproveitamento dos discentes, contudo, as falhas no suporte e supervisão, quando ocorreram, foram profundamente notadas e causaram grande impacto na opinião particular dos bolsistas quando ao projeto, provavelmente mais do que se ocorresse com graduandos ou pós-graduandos na fase adulta, aspecto que Oliveira e Bianchetti (2019) chegam a pontuar, indicando como despreparo dos orientadores para essa função com estudantes do Ensino Médio.

Verificou-se, também, entre as perguntas feitas, quais seriam as barreiras mais visíveis para a participação do programa, para além do número limitado de vagas, seja o desinteresse, a dificuldade de conciliações ou as desistências. Uma das mais citadas foi a falta de tempo e a sobrecarga, em especial nos últimos momentos do Ensino Médio, algo que foi sentido por aqueles que permaneceram no projeto, sido levantada como ressalva por colegas que optaram por não participar do PIBIC-EM; isso se deu em especial para estudantes que estavam envolvidos com as atividades de cursos técnicos profissionalizantes e/ou que estavam em ano de realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Vestibular, algo também notado por Oliveira e Bianchetti (2019). Outra razão da baixa adesão dos alunos é por não virem necessidade ou proximidade com sua realidade, as atividades da universidade e a universidade em si, priorizando renda imediata, cursos técnicos profissionalizantes, curso de idiomas ou atividades esportivas.¹

CONCLUSÕES:

A Unicamp possui algumas particularidades quanto ao PIBIC-EM que merecem e devem ser melhor exploradas, conhecidas e compartilhadas, dentre elas, conforme descrito por alguns entrevistados, o Cotuca (e por consequência, Cotil) como uma pré-Unicamp por possuir características como: professores com doutorado (possibilitando a participação dos seus alunos no PIBIC-EM), formação cidadã politizada e crítica, forte preparo para o vestibular e conexão direta com a lógica universitária. Dessa forma, o questionamento levantado é se estudantes do Cotuca/Cotil vivem uma experiência de escola pública de elite, que foge e distorce a ideia de escola pública como categoria homogênea, podendo trazer um descompasso na realização dos objetivos do PIBIC-EM nesses perfis tão distintos.

Outra particularidade é, na visão dos entrevistados, o Profis como política mais eficaz na democratização do acesso à universidade, sendo defendida com mais vigor por alguns do que o próprio PIBIC-EM, apontada como realmente transformadora. Isso levanta novas questões: O PIBIC-EM forma para a universidade, mas não garante entrada nem permanência, e que o Profis, supostamente, ofusca ou sobrepõe-se simbolicamente ao PIBIC-EM em algumas narrativas, assim,

¹ As motivações de não participação no PIBIC-EM foram relatadas pelos ex-bolsistas, com base em observações sobre colegas e amigos que não aderiram ao programa

como esses dois programas se complementam ou disputam sentidos na política de inclusão da Unicamp?

Portanto, por mais que as entrevistas tenham confirmado as hipóteses de alguns autores sobre a temática, foi percebido ligações, desdobramentos e particularidades quanto ao PIBIC-EM na Unicamp que teriam sido mais custosas de se perceber sem a realização dessas entrevistas com os ex-bolsistas, atualmente discentes da Unicamp.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro concedido, no formato de Bolsa de Iniciação Científica, por meio do processo nº 2024/09586-2, que tornou possível a realização desta pesquisa. Estendemos nossos agradecimentos também aos(as) profissionais e colaboradores(as) que gentilmente encaminharam os convites por e-mail, viabilizando o contato com os(as) ex-bolsistas. Por fim, agradecemos especialmente aos(às) entrevistados(as), que dedicaram seu tempo e compartilharam generosamente suas experiências, contribuindo de forma essencial para o desenvolvimento deste estudo.

BIBLIOGRAFIA:

ARANTES, S. L. F. ; PERES, S. O. Programas de iniciação científica para o ensino médio no Brasil: educação científica e inclusão social. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 1, p. 37-54, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

OLIVEIRA, A. ; BIANCHETTI, L. Estudantes do ensino médio e o ensino superior: explicitando o modus operandi dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, p. 464-480, 2019.

SILVA, L. R. ; ASSIS, A. E. S. Q. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM): a política pública, a ciência e a cidadania. **Revista Exitus**, v. 7, n. 1, p. 78-107, 2017.

SILVEIRA, Z. S. Formação científica no nível médio de ensino: primeiras aproximações. **Boletim Técnico do SENAC**, v. 41, n. 1, p. 36-57, 2015.